



Psicanálise com crianças

PERSPECTIVAS TEÓRICO-CLÍNICAS

ADELA STOPPEL DE GUELLER
E AUDREY SETTON LOPES DE SOUZA
(organizadoras)

Casa do Psicólogo®

Introdução

Uma das dificuldades com que geralmente se defrontam aqueles que querem iniciar uma prática clínica na psicanálise é a falta de respostas únicas e imediatas para as questões que urge saber e compreender para exercê-la. Eles pedem e esperam receitas prontas, dicas sobre a técnica ou conselhos sobre o modo de interpretar, mas a Psicanálise não dá essas respostas, porque ela é um saber que tem como proposta ensinar a se perguntar. Ela avança teoricamente quando consegue, de modo mais afinado, formular melhor uma pergunta. Isso vale tanto para quem inicia sua formação quanto para quem tem um percurso de muitos anos ou para quem se submete à experiência de um tratamento psicanalítico. O método psicanalítico busca transformar o sintoma de um sujeito que sofre numa pergunta sobre o porquê, o como e o para quê desse sofrimento.

Não dar uma resposta pronta pode suscitar angústia naqueles que esperam que o preenchimento da falta de conhecimento seja uma solução, mas pode também promover um movimento. É nessa linha que os textos deste livro pretendem trabalhar: explorando dúvidas, formulando questões, propondo reflexões. Os leitores que nos acompanharem neste percurso poderão transitar pelos caminhos que foram sendo construídos pela Psicanálise para lidar com as crianças que sofrem, ou têm seu desenvolvimento inibido, ou ficam paralisadas perante medos, ou não conseguem falar ou brincar. Poderão acompanhar as perguntas que se colocaram Freud, Klein, Winnicott, Lacan, Mannoni, Dolto e tantos outros e os impasses que encontraram ao trabalhar com crianças cada vez mais novas, assim como as dificuldades que enfrentaram no trabalho com crianças abandonadas pelos pais ou que não eram aceitas em nenhuma escola. Eles não nos deram soluções, nem nos disseram como fazer. Cada um com seu estilo, em seus relatos clínicos e nos textos teóricos que conseguiram produzir, nos transmitiram fundamentalmente um modo de pensar e de se interrogar.

Os textos que compõem este volume foram escritos pelo corpo de professores do curso de especialização em Psicanálise da Criança do Instituto Sedes Sapientiae, a partir de um convite feito há muito tempo pela Editora Casa do Psicólogo, que queria publicar um livro que servisse como referência introdutória para aqueles que iniciam sua clínica psicanalítica com crianças. Mas como escrever um livro que atingisse esse objetivo, sem torná-lo um manual simplificado sobre o que fazer quando recebemos uma criança?

A possibilidade de resolver esse impasse tinha que ser construída a partir da reflexão sobre nossa prática. Como professores há mais de 20 anos, sabíamos muito bem o desafio implícito nessa proposta. Talvez se deva a isso a demora da resposta. Era preciso sermos bastante cautelosos. Tínhamos uma longa experiência de transmissão oral em sala de aula, que se estendia também à comunicação verbal mais pontual em eventos periódicos, abertos a um público mais amplo. Sabíamos que, ao preparar as aulas, éramos levados a selecionar fragmentos de livros, geralmente estrangeiros e historicamente datados mas, sentíamos

falta de um texto escrito que articulasse os conteúdos que considerávamos importantes para a formação de um psicanalista que trabalhe com crianças.

O Instituto Sedes Sapientiae é reconhecidamente uma instituição que alberga a diversidade e possibilita o diálogo, e a equipe de professores de nosso curso não é uma exceção. Constituímos um corpo docente com psicanalistas de formações e escolhas teóricas diversas: freudianos, neofreudianos, kleinianos, neokleinianos, winnicottianos e lacanianos. Ser um grupo pluralista que não só inclui várias correntes de pensamento psicanalítico como também é oriundo de variadas filiações e tem inserções em diferentes instituições representativas dessas correntes traz vantagens e desvantagens. Precisamos suportar a tensão implícita entre as diferentes abordagens sobre o mesmo sujeito, mas temos a vantagem de poder explicitá-las. Não nos propomos veicular uma verdade única, mas refletir permanentemente sobre as diferenças. Em suma, o esforço de manter essa diversidade e essa tensão como um posicionamento é uma decisão ética: acreditamos que é possível transmitir sem dogmatismos o fazer e o pensar psicanalíticos a quem deseje se iniciar na clínica psicanalítica com crianças e também que é possível ensinar a se interrogar sobre os conceitos fundamentais e necessários no processo de formação.

Por esse motivo, os leitores encontrarão aqui versões diferentes sobre um mesmo tema como o brincar, a transferência e a interpretação, na análise de crianças. Introduzir a diversidade não significa dar todas as visões de um mesmo fenômeno nem supõe que as diferentes perspectivas sejam complementares entre si - supõe que aquele que se inicia pode, em algum momento de seu percurso, escolher um modo singular de se apropriar das linhas mestras que guiam sua prática. Nesse sentido, também consideramos importante preservar e mostrar o estilo de cada autor, seu modo de se apropriar dos conceitos e de falar da clínica.

Há neste livro capítulos introdutórios, escritos a várias mãos, sobre a história dos conceitos e da prática com crianças, que derivou numa diversidade resultante de conjunturas histórico-políticas, de transferências e de problemas novos que surgiram na clínica, e outros que visam explorar conceitos fundamentais da clínica psicanalítica, escritos por um único autor, em que se apresentam o brincar, a transferência e a interpretação com o uso de recortes teóricos específicos.

A primeira parte visa traçar caminhos sobre a idéia de infância e mostrar como e quando surgiu um campo no qual a criança pôde ser considerada um sujeito apto a se analisar. Ele fala sobre os momentos iniciais dessa prática, cujos precursores foram Hug-Hellmuth, Sophie Morgenstern, Anna Freud e Melanie Klein, e conta como foram surgindo novos pensadores como Winnicott, Lacan, Mannoni e Dolto. Também nos pareceu importante mostrar como essas idéias chegaram ao Brasil, de que modo foram sendo trabalhadas e em que tipo de prática se inseriram, tendo vindo de lugares tão distantes.

A segunda parte, composta por três textos, se detém no caso *princeps* da psicanálise com crianças: o caso Hans, publicado por Freud em 1908, com o título "Análise da fobia de um menino de 5 anos". A esse texto inaugural de nossa prática, dedicamos um lugar especial, para mostrar como um mesmo material clínico - um mesmo caso - pode receber diferentes leituras.

A terceira parte, também escrita a várias mãos, se detém nas diferentes formulações que dão uma configuração específica à clínica psicanalítica com crianças cotejada com a

clínica de adultos. Recorreu-se às principais correntes teórico-clínicas da Psicanálise com o objetivo de se colocarem lado a lado diferentes maneiras de se pensarem o aparelho psíquico, a constituição da subjetividade da criança e os diferentes impasses que podem surgir nesse processo.

A quarta parte se detém no brincar, atividade fundamental na infância e na clínica que se ocupa dela. Os leitores encontrarão aqui as perspectivas kleiniana, winnicottiana e lacaniana sobre o brincar.

A quinta parte mostra duas perspectivas diferentes para se pensar a transferência na clínica com crianças, e a sexta se debruça sobre o complexo tema da interpretação.

Enfim, levantam-se grandes temas e questionamentos diversos sobre essa prática, esperando-se que suscitem no leitor que deseja nela se iniciar o mesmo interesse com que nós nos dedicamos há duas décadas a interrogar e a lecionar nesse campo repleto de enigmas.

Adela Stoppel de Gueller
Audrey Setton Lopes de Souza
(organizadoras)